



Machismo e homofobia em enunciados de Silvio Santos²⁷

Jaqueline Fonseca Veiga²⁸

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho analisa enunciados de Silvio Santos, clivados pelo machismo e pela homofobia. Investigaremos esses dizeres a partir da Análise do Discurso francesa, considerando as relações de poder(es), as condições de produção dos enunciados e a posição sujeito dos interlocutores. Objetivamos mostrar como os domínios discursivos de gênero e de sexualidade estão atrelados aos processos de subjetivação de Silvio, (re)velando um posicionamento machista e homofóbico por meio do discurso humorístico.

Palavras-chave: Silvio Santos. Machismo. Homofobia.

Resumo expandido

Esta pesquisa analisa dizeres de Silvio Santos que foram veiculados em seu programa dominical, o *Programa Silvio Santos*. Os trechos recortados para análise fizeram parte de dois quadros, o *Jogo dos Pontinhos*, transmitido em 06/05/2018²⁹, e o *Show de Calouros*, exibido em 15/04/2018³⁰. Do primeiro quadro destacamos a interação entre Livia e Silvio e do segundo o diálogo entre Silvio e Leona, pois nessas interlocuções Silvio (re)vela um posicionamento machista e homofóbico.

Este trecho mostra a interação de Silvio Santos e Livia Andrade:

- Mas me diga uma coisa, você foi pra Turquia, não foi?
- É, eu fui! E você sempre vai pro mesmo lugar, pra mesma casa, com as mesmas pessoas [...], você não expande o seu mundo. Respira fundo, abre esse seu peito e se joga no mundão, Sisi! Seja feliz, certo?! Aí a gente se joga no mundão, tá lá chorando de felicidade com cara de boba e tal, de repente

²⁷ Trabalho apresentado ao III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

²⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina, graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas, pela UEG, Câmpus Inhumas. Aluna do segundo período do curso de Cinema e Audiovisual, pela UEG, Câmpus Laranjeiras. E-mail: jaquelinefveiga@outlook.com

²⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=q8lxlzu7AJU>>.

³⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dqto89Ke208&list=PLJEMO2cSfTfjUuCBRYGoQuscWqzz4Jfag&index=7>>.



alguém liga e fala: “Silvio Santos voltou, Silvio Santos voltou!” “Meu Deus, meu Deus! Liga, tem voo, pelo amor de Deus! Oh menino, preciso voltar antes, meu patrão voltou.” “Não, mas as suas férias ainda tem mais cinco dias!” “Não!” “Vai ter que pagar a multa!” “Que se dane, que se dane, paga a multa, pelo amor de Deus, eu preciso voltar!”

- Eu quero saber o seguinte: como é que uma mulher, como você, vai sozinha pra Turquia? [...]

- Sabe como? Sabe como? A gente pega o nosso cartão de crédito, parcela em trinta e seis vezes, faz a mala, respira fundo, empina o peito e vai! [...]

Nele, evidenciamos a insatisfação de Silvio em relação ao comportamento de Lívia. Notamos, ainda, nos enunciados de Lívia, a linguagem carnavalizada. A carnavalização se dá “pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas, e que é dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior” (FIORIN, 2016, p. 105). Lívia enfrenta o patrão em um gênero que revela o *pathos* (emoção) cômico, o que permanece apenas no nível do dizível já que nas ações se percebe uma posição de subalternidade, pois há uma relação de poder(es) entre patrão e empregada, um poder disciplinar, cujo mecanismo dociliza os corpos, torna-os úteis por meio de poderes socialmente propostos como positivos, levando ao cuidado de si e a busca pela manutenção do próprio emprego. O poder disciplinar deve seu sucesso aos instrumentos simples que usa: “o **olhar hierárquico**, a **sanção normalizadora** e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o **exame**” (FOUCAULT, 2014, p. 167, grifo nosso).

O **olhar hierárquico** é percebido na submissa volta das férias de Lívia. Embora, discursivamente, sua fala seja carnavalizada, empoderada, sua ação é regida por um olhar hierárquico do patrão. Na desaprovação da viagem desacompanhada de Lívia, emerge a formação discursiva machista de Silvio e a **sanção normalizadora**. A desaprovação é uma tentativa de limitar/privar uma mulher de certos comportamentos que ele não julga adequados. O **exame** se dá em função da estrutura do quadro: há perguntas e respostas, aprovação e desaprovação, que partem do olhar de Silvio, o olhar de um homem que julga e condena as atitudes de mulheres.

O poder disciplinar não descarta o poder pastoral: ao contrário há uma relação de complementaridade entre ambos, ocasionada pela figura central de Silvio, o cerne de um poder que anima os corpos de seus empregados. A resistência de Lívia, que gera seu poder, está imbricada à adesão ao discurso feminista, e, pelo gênero cômico, atenua a discórdia em relação ao patrão.

Com relação à homofobia, vejamos este trecho da interação entre Silvio Santos e Leona:



- Não, mas a sua mãe não gostou quando ela soube que você queria ser gay [...]
- Não, ela não deve ter gostado, né?!
- Nem o seu pai.
- [...] Ele não tem muito contato comigo, mas eu tenho um carinho por ele [...]
- [...] Mas teu pai não gostou, quando ele soube que você tava querendo imitar gay, ele não gostou.
- Ah, eu mandei tomar no tabaco!
- Olha, eu, se fosse teu pai, eu ia te dar uma surra que você nunca mais ia pensar em ser gay.
- De língua ou de cinta?
- Não é que eu seja homofóbico...

Nele, Silvio aparece como um sujeito parresiasista: “A *parrhesia* é a liberdade de linguagem, o dar a liberdade de falar, o falar francamente, a coragem da verdade” (GROS et al, 2004, p. 11, grifo do autor). Silvio se revela homofóbico e intolerante ao ameaçar dar uma surra em Leona, se fosse seu pai. A homossexualidade é tratada como um “querer”, uma “imitação”, ou seja, um estado, algo mutável. Ao final, Silvio tenta se justificar, dizendo que não é homofóbico. Uma forma possível de compreender essa negação seria pensar no amparo que o discurso humorístico proporciona para Silvio, então não seria preconceito, seria piada. Mas até que ponto o humor justificaria esses posicionamentos? O humor (re)vela os processos de subjetivação.

Referências Bibliográficas

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GROS, Frédéric (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.